



Das 12 chapas lançadas na disputa pelo Planalto, 11 estão registradas até agora. Prazo termina nesta segunda-feira. A partir de terça, candidatos poderão pedir votos e distribuir panfletos

Tudo pronto para a corrida presidencial

» MARIANA ALBUQUERQUE*
» VICTOR CORREIA

A largada da campanha eleitoral será dada oficialmente na terça-feira. Candidatos poderão pedir votos de forma explícita, divulgar o número usado nas urnas e distribuir panfletos aos eleitores. O período eleitoral se estenderá até 2 de outubro e 30 do mesmo mês, caso haja segundo turno. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o prazo para registro das candidaturas, planos de governo e declarações de patrimônio se encerra nesta segunda.

Até o momento, 12 chapas já foram lançadas para disputar a presidência e a vice-presidência da República, confirmadas nas convenções nacionais de seus partidos. Até o fim da tarde deste sábado, 11 foram registradas no TSE, incluindo os planos de governo.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva lidera, até o momento, as pesquisas de intenção de voto. A chapa é composta também pelo ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin, adversário histórico do petista. A aliança significa a junção de propostas tanto do PT quanto do PSB, e foi redigida em 21 páginas. A coligação também comporta PV, PCdoB, PSol, Rede, Solidariedade, Avante e Agir, reunindo o maior tempo de propaganda gratuita no rádio e na televisão: 3 minutos e 26 segundos.

A campanha Lula-Alckmin tem se preparado para um possível governo que "escute o povo". Foi criada ainda no início da campanha um sistema para que haja colaboração e sugestões on-line sobre as propostas, a Plataforma Popular. Entre as principais metas citadas no documento foi descrita a nova legislação trabalhista, que terá como enfoque os autônomos e, segundo o documento, "extensa proteção social."

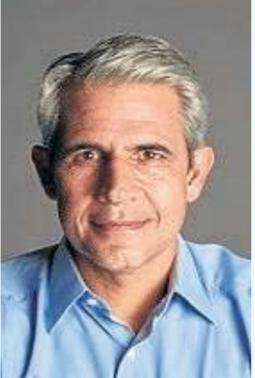
Outro tema defendido no programa de governo são novas políticas de segurança pública, um dos pontos mais esperados pela oposição. Segundo a proposta apresentada ao TSE, será implementada uma maior assistência aos usuários de drogas e haverá uma "substituição do atual modelo bélico".

A dupla tem ainda como objetivo reduzir a zero o desmatamento da Amazônia. "Combateremos o crime ambiental promovido por milícias, grileiros, madeireiros e qualquer organização econômica que aja ao arrepio da lei", segundo trecho da proposta. O programa foi produzido por representantes de sete partidos, coordenados pelo ex-ministro Aloizio Mercadante.

O presidente Jair Bolsonaro busca a reeleição com o general Walter Braga Netto ao seu lado, ex-ministro da Defesa. Além do PL, partido dos dois, a composição é apoiada ainda pelo Progressistas e pelo Republicanos, tendo um total de 2 minutos e 40 segundos de propaganda gratuita, o segundo maior, atrás de Lula.

Bolsonaro tenta um novo mandato com um histórico negativo na economia, aumento da fome e com as consequências da crise sanitária causada pela covid-19. Ele também enfrenta um grande índice de desaprovção

As chapas Veja as fotos que vão para a urna das 11 candidaturas presidenciais registradas até o fim da tarde deste sábado

 Ciro Gomes (PDT) vice: Ana Paulo Matos (PDT)	 Felipe D'Avila (Novo) vice: Tiago Mitraud (Novo)	 Jair Bolsonaro (PL) vice: Walter Braga Netto (PL)	 Léo Péricles (UP) vice: Samara Martins (UP)	 Luiz Inácio Lula da Silva (PT); Geraldo Alckmin (PSB)	
 Pablo Marçal (Pros) vice: Fátima Pérola Negra (Pros)	 Roberto Jefferson (PTB) vice: Kelmon Luís da Silva Souza (PTB)	 Simone Tebet (MDB) vice: Mara Gabrielli (PSDB)	 Sofia Manzano (PCB) vice: Antonio Alves (PCB)	 Soraya Thronicke (União) vice: Marcos Cintra (União)	 Vera Lúcia (PSTU) vice: Raquel Tremembé (PSTU)

do governo. Porém, algumas apostas para reverter a atuação já mostraram efeitos nas pesquisas. Após aprovação da PEC Kamikaze, que aumentou o valor do Auxílio Brasil para R\$ 600, reajustou o vale-gás e criou benefícios para taxistas e caminhoneiros, o presidente diminuiu a distância de Lula nas pesquisas.

Segundo pesquisa BTG/FSB divulgada em 8 de agosto, a diferença entre os dois caiu de 13 para sete pontos percentuais entre julho e agosto, o menor desde o início do levantamento, em março. A redução do ICMS sobre combustíveis também foi outra medida eleitoreira de Bolsonaro para tentar conter o aumento nos preços e a inflação.

O plano de governo para a reeleição contempla, em sua maioria, a manutenção das pautas defendidas por Bolsonaro desde 2018. Segundo o documento de 48 páginas, a manutenção do auxílio de R\$ 600 será "um dos compromissos prioritários do governo reeleito". O benefício, a princípio, tem validade apenas até 31 de dezembro deste ano. O presidente também promete realizar uma reforma tributária, isentando os trabalhadores que recebem até cinco salários mínimos (R\$ 6.060 atualmente) do Imposto de Renda. O programa diz ainda que "serão preservados e ampliados o direito fundamental à legítima defesa e à liberdade individual, especialmente quanto ao fortalecimento dos institutos

legais que assegurem o acesso à arma de fogo aos cidadãos".

A campanha de Bolsonaro contém ainda ataques ao sistema eleitoral e às urnas eletrônicas. O presidente tenta deslegitimar o resultado das eleições caso perca, aos moldes do que fez o presidente americano Donald Trump em 2020, culminando na tentativa de invasão ao Capitólio. Não é uma estratégia nova, uma vez que em 2018, mesmo tendo ganhado o pleito, alegou fraude nas urnas. As falas antidemocráticas, porém, sofreram fortes críticas por parte dos demais candidatos, parlamentares e entidades da sociedade civil, entre outras. O maior exemplo disso foi o manifesto pela democracia organizado pela Faculdade de Direito da USP, que ultrapassou um milhão de assinaturas na quinta passada.

Terceira via

O terceiro lugar é ocupado pelo ex-governador do Ceará, Ana Paulo Matos. O candidato não conseguiu consolidar alianças nacionais com outros partidos, e terá apenas 50 segundos de propaganda gratuita. Na pesquisa Datafolha divulgada em 28 de julho, ele reuniu 8% de intenções de voto, uma distância de 21 pontos percentuais de Jair Bolsonaro.

Ciro se coloca como forte crítico da polarização entre Lula

49

Quantidade de dias que faltam até o primeiro turno das eleições, marcado para 2 de outubro

e Bolsonaro, atacando os dois adversários. Segundo ele, ambos defendem o mesmo modelo econômico e político, além de terem histórico de corrupção em seus governos. Como alternativa, em seu programa de governo, o ex-governador defende medidas mais profundas.

Uma de suas bandeiras é também a realização da reforma tributária. O tema, inclusive, é tratado por quase todos os candidatos. A versão de Bolsonaro prevê taxa de 20% de subsídios e incentivos fiscais dados pelo governo e a recriação de um imposto sobre lucros e dividendos.

O candidato prevê que, juntas, as medidas podem gerar até R\$ 200 bilhões para os cofres públicos. Também estão previstos o fim da paridade de preços internacionais da Petrobras, criação de 5 milhões de vagas de emprego em dois anos e acabar com o foro privilegiado, com exceção dos chefes dos Poderes.

Uma senadora Simone Tebet (MDB-MS) representa o autointitulado "centro democrático", ao lado da também senadora Mara Gabrielli (PSDB-SP). A candidatura é apoiada pelo Podemos e pelo Cidadania, costurando o terceiro maior tempo de televisão: 2 minutos e 16 segundos. Tebet foi escolhida candidata por sua baixa rejeição e potencial de crescimento durante a campanha eleitoral, em detrimento do ex-governador tucano João Dória — que saiu da vida pública logo após a indicação da senadora.

Até o fechamento desta reportagem, a chapa ainda não havia protocolado seu plano de governo junto ao TSE. Em seus discursos, Tebet defende medidas econômicas para reduzir o desemprego, acabar com a fome, a realização de uma reforma tributária nos seis primeiros meses de governo e um foco na economia verde, especialmente na área do agronegócio. Não há ainda detalhamento sobre como as medidas serão implementadas.

Demais concorrentes

Os demais candidatos pontuam menos de 1% nas pesquisas. Soraya Thronicke (União) foi escolhida como candidata do União Brasil após a saída do presidente da legenda, Luciano Bivar, do páreo. Ao lado de Marcos Cintra, a chapa defende principalmente uma reforma tributária com criação de imposto único, e tem parcela considerável do tempo de televisão: 2 minutos e sete segundos, por

representar o maior partido do país.

Ainda pendente por batalha judicial em seu partido, o Pros, o coach e influencer Pablo Marçal já registrou a chapa com Fátima Pérola Negra. Tem como proposta de governo "40 anos em 4", defendendo que cada brasileiro tem "a missão de governar a si próprio".

Outro político que tem se apresentado para a candidatura a fim de compor a direita brasileira é Felipe D'Avila e Tiago Mitraud, ambos do Partido Novo. A chapa tem como principais pautas a economia neoliberal e uma direita menos conservadora nos costumes. No campo da esquerda, Sofia Manzano e Antonio Alves, do PCB, trazem "um programa anticapitalista e anti-imperialista para o Brasil". Vera Lúcia e Raquel Tremembé (PSTU), por sua vez, defendem uma proposta pela "independência de classe" e atacar propriedades das grandes empresas para defender os trabalhadores. Léo Péricles, do UP, tem como vice Samara Martins, do mesmo partido. Ambos defendem o fortalecimento do Estado como um caminho para a redução do capital privado. Estes terão como principais atitudes a revogação do teto de gastos, a reforma trabalhista e a reforma da previdência. A chapa José Maria Eymael/João Barbosa Bravo (DC) ainda não foi registrada.

* Estagiária sob supervisão de Carlos Alexandre de Souza